

Britânicos rejeitam proposta

LONDRES — O assessor especial do Ministério da Fazenda e ex-presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e o diretor para Dívida Externa do BC, Antonio de Pádua Seixas, receberam uma resposta nada animadora de banqueiros britânicos com quem conversaram nos últimos dois dias: os bancos credores do Brasil na Grã-Bretanha não aceitam considerar qualquer tipo de acordo que inclua um *write-off*, o cancelamento de parte dos débitos brasileiros.

O plano de renegociação do ministro Bresser Pereira prevê a transformação de metade da dívida com os bancos comerciais (cerca de 35 bilhões de dólares) em bônus a serem adquiridos com um desconto (deságio) de 30%, o que os banqueiros britânicos qualificaram como o cancelamento, na prática, de 30% dos débitos. Desde a moratória brasileira, muitos bancos americanos e britânicos aumentaram suas reservas para cobrir empréstimos potencialmente perdidos em 25% a 30% do total da dívida da América Latina.

— Alocar reservas é muito diferente de cancelar débitos — comentou um banqueiro britânico que participou das negociações de

domingo e segunda-feira, ouvido pela agência Reuters.

— Eles vieram; eles viram e eles não venceram — disse outro executivo bancário sobre a visita de Bracher e Pádua Seixas, parodiando uma frase famosa do imperador romano Júlio César: “Vim, vi e venci”.

☐ O governador Orestes Quercia tomou, ontem, em São Paulo, uma atitude inédita, desde que assumiu o governo. Sem que fosse perguntado, ele pediu licença para defender o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, e sua proposta aos bancos credores de renegociação da dívida externa, com a transformação de metade do débito com bancos privados em bônus com deságio de 30%, resgatáveis dentro de 30 anos. “Esta proposta é razoável, honesta e justa”, resumiu o governador paulista. Assessores do governador paulista revelaram que, ao sair em defesa do ministro Bresser Pereira, Quercia atendeu a um pedido do Palácio do Planalto.